Vivências e trajetórias ocupacionais de pessoas idosas em um contexto de desastre

Experiences and occupational trajectories of older adults in a disaster context

Marcelo Brandão de Souza[1]
Jurema Ribeiro Luiz Gonçalves[2]
Daniela Mendes dos Santos[3]
Fabiana Caetano Martins Silva e Dutra[4]

Resumo

Objetivo: Compreender as experiências e as trajetórias ocupacionais de pessoas idosas que vivenciaram o desastre do rompimento da barragem de mineração ocorrido na cidade de Brumadinho. *Método*: Estudo qualitativo, que utilizou a história oral temática como estratégia de coleta de dados entre junho e julho de 2023. A amostra foi selecionada por conveniência, utilizando técnica de bola de neve e informantes-chave. Foram incluídas pessoas idosas com mais de 60 anos de idade, sem distinção de sexo, naturais e residentes nos distritos de Brumadinho e que sobreviveram ao desastre em 2019. As entrevistas foram gravadas, transcritas, submetidas a análise de conteúdo e seguidas de triangulação dos dados. *Resultados*: Participaram 17 pessoas idosas. A análise identificou duas categorias [(re)vivendo o desastre e mudanças no cotidiano e no bem-estar], compostas por quatro subcategorias. A vivência do desastre repercutiu em alterações no estado de saúde e em prejuízos à saúde mental. Após o evento, observaram-se mudanças importantes no cotidiano, especialmente na redução e reorganização das atividades de lazer, repercutindo nas trajetórias ocupacionais das pessoas idosas. Apesar das adversidades, observou-se capacidade de adaptação, reconstrução e ressignificação da vida cotidiana por meio do engajamento em ocupações significativas. *Conclusão*: Os impactos do desastre ultrapassam as dimensões ambientais, físicas e sociais, atingindo as trajetórias ocupacionais e o cotidiano das pessoas idosas sobreviventes. Os achados reforçam a necessidade de ações

Palavras-chave:
Desastre Humano. Terapia Ocupacional. Envelhecimento. Pessoas Idosas. Reconstrução Pós-Desastre.

[1] Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Programa de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação. Belo Horizonte, MG, Brasil.

[2] Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Departamento de Enfermagem em Educação e Saúde Comunitária, Programa de Pós-Graduação em Atenção à Saúde. Uberaba, MG, Brasil.

[3] Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Núcleo de Estudos e Pesquisas em Trabalho, Participação Social e Saúde (NETRAS), Programa de Pós-Graduação em Atenção à Saúde. Uberaba, MG, Brasil.

[4] Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Departamento de Terapia Ocupacional, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Trabalho, Participação Social e Saúde (NETRAS), Programa de Pós-Graduação em Atenção à Saúde. Uberaba, MG, Brasil.

Financiamento da pesquisa: Apoio parcial da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código do financiamento 001.

Os autores declaram não haver conflito na concepção deste trabalho.

Correspondência/*Correspondence*
Fabiana Caetano Martins Silva e Dutra
fabiana.dutra@uftm.edu.br

Recebido: 30/03/2026
Aprovado: 10/08/2026

http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562026029.260056.pt

continuadas de cuidado às populações vulneráveis atingidas e apontam contribuições da Terapia Ocupacional no contexto pós-desastre.

Abstract

Objective: To understand the experiences and occupational trajectories of older adults who experienced the mining-dam collapse disaster in the city of Brumadinho. *Method:* A qualitative study based on thematic oral history as a data-collection strategy was conducted between June and July 2023. The sample was selected by convenience sampling using the snowball technique and key informants. Older adults aged over 60 years, of either sex, who were born in and lived in the districts of Brumadinho and survived the 2019 disaster were included. Interviews were audio-recorded, transcribed, subjected to content analysis, and underwent data triangulation. *Results:* A total of 17 older adults took part in the study. The analysis identified two categories – "(Re)living the disaster" and "Changes in daily life and well-being" – comprising four subcategories each. The disaster affected participants´ health status and mental health. After the event, important changes in daily life were observed, particularly reduced and reorganized leisure activities, with repercussions for the occupational trajectories of the older adults interviewed. Despite adversity, participants demonstrated the ability to adapt, rebuild, and re-signify everyday life through engagement in meaningful occupations. *Conclusion:* The impacts of the disaster extend beyond environmental, physical, and social dimensions, affecting the occupational trajectories and everyday lives of survivors. The findings reinforce the need for continuing care for affected vulnerable populations and highlight the positive contributions of Occupational Therapy in the post-disaster context.

Keywords: Human-induced disaster. Occupational Therapy. Aging. Older Adults. Post-disaster recovery.

INTRODUÇÃO

Desastres são eventos naturais ou antrópicos que incidem sobre ecossistemas vulneráveis, ocasionando danos humanos, materiais e ambientais, além de prejuízos sociais e econômicos, cujos impactos podem persistir por longos períodos[1].

Em 25 de janeiro de 2019, o município de Brumadinho (MG, Brasil) foi atingido pelo rompimento da barragem B1 de rejeitos de minério de ferro da mina do Córrego do Feijão, configurando o maior desastre registrado no país. O evento resultou em 272 mortes e duas pessoas permanecem desaparecidas[2]. Os danos imediatos e a sobrecarga dos serviços de saúde desencadearam um cenário complexo de riscos e agravos à saúde[3].

No período pós-desastre, as pessoas idosas destacaram-se como um dos grupos mais vulneráveis, apresentando aumento de sintomas de ansiedade e agravamento de doenças crônicas, como hipertensão arterial sistêmica e diabetes mellitus. E, inclusive, maior ocorrência de internações e mortalidade por doenças cardiovasculares[3-6].

A manutenção da capacidade funcional, do autocuidado, das relações familiares e sociais, do suporte comunitário e da participação social é essencial para a reconstrução da vida das pessoas idosas no contexto pós-desastre[7-10,11]. As trajetórias ocupacionais referem-se ao repertório de ocupações desenvolvidas ao longo do tempo, compreendidas como um projeto de vida estruturado, associado a significados e valores pessoais[12]. Essas consideram as ocupações elementos centrais na construção da identidade, do pertencimento e da organização da vida cotidiana, sendo influenciadas por dimensões temporais e biográficas[12]. Desta forma, situações de desastre provocam rupturas nessas trajetórias, afetando sustento, moradia, mobilidade, convívio social e rotina, com repercussões na saúde e no bem-estar, especialmente entre populações socialmente vulneráveis[5].

Nesse contexto, terapeutas ocupacionais investigam como as pessoas se ocupam e quais os efeitos do engajamento ocupacional na saúde, na vida social e nas comunidades[13]. A participação de pessoas idosas em ocupações significativas contribui para a justiça ocupacional e para o reconhecimento

de suas necessidades no processo de reconstrução pós-desastre[14].

Estudos sobre o desastre de Brumadinho já evidenciaram repercussões sobre a saúde da população atingida, incluindo sofrimento psíquico e sintomas psiquiátricos, multimorbidades, hipertensão, diabetes, além de alterações na demanda por serviços de saúde, hospitalizações e padrões de morbimortalidade[2,6,15,16]. A literatura também reconhece a vulnerabilidade de pessoas idosas no contexto pós-desastre e a importância da funcionalidade, do autocuidado, das redes de apoio, da participação social e da reconstrução da vida cotidiana[7-10].

Entretanto, ainda são escassas as investigações sobre as repercussões do desastre nas trajetórias ocupacionais de pessoas idosas, especialmente quanto aos impactos no repertório de ocupações e significados das atividades cotidianas, papéis sociais e projetos de vida. Adicionalmente, há escassez de estudos que deem voz direta às pessoas idosas, evitando que suas necessidades sejam compreendidas apenas pela perspectiva de cuidadores e equipes de resposta a desastres[10]. Assim, o presente estudo busca preencher lacunas ao investigar, sob perspectiva ocupacional, rupturas e reorganizações vivenciadas por pessoas idosas na reconstrução da vida cotidiana após o desastre de Brumadinho.

Nesse contexto, este estudo teve como objetivo compreender as experiências e as trajetórias ocupacionais de pessoas idosas que vivenciaram o desastre do rompimento da barragem de mineração ocorrido em Brumadinho (MG), em 2019.

MÉTODO

Pesquisa qualitativa, exploratória e transversal, realizada entre junho e julho de 2023, e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) (parecer nº. 5.922.790). Utilizou-se a história oral temática como método de coleta de dados. Esse método fundamenta-se nos relatos dos atores sociais sobre determinado fenômeno em um período definido, favorecendo o compartilhamento de experiências e a preservação da memória coletiva[17].

Após aprovação ética, realizou-se um estudo piloto com uma mulher de 67 anos, residente em Brumadinho e selecionada em um grupo de convivência, para avaliar a aplicabilidade do roteiro e adequar a condução das entrevistas. Após leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), a entrevista ocorreu no domicílio da participante, com duração aproximada de 50 minutos. A entrevista foi gravada, transcrita e analisada pelos pesquisadores, possibilitando ajustes na condução e no refinamento do roteiro.

O estudo foi realizado em Brumadinho, Minas Gerais, Brasil, localizado a aproximadamente 60 km de Belo Horizonte, caracterizado pela diversidade de fauna e flora e pela atividade de extração mineral. A cidade foi marcada pelo rompimento da barragem de rejeitos, cujos impactos permanecem presentes anos após o desastre.

A amostra foi selecionada por conveniência, utilizando a técnica de bola de neve. Dois informantes-chave, escolhidos por sua atuação comunitária e pelo engajamento na defesa dos direitos das pessoas idosas, indicaram os participantes iniciais, que posteriormente sugeriram novos integrantes de suas redes sociais[17].

Foram incluídas pessoas com idade superior a 60 anos na data do desastre, naturais de Brumadinho e residentes em um dos distritos do município, sem distinção de sexo. A amostra final foi definida pelo critério de saturação alcançado quando novos relatos deixam de acrescentar informações relevantes.

As entrevistas foram presenciais, individuais e realizadas em locais escolhidos pelos participantes. Em dois casos envolvendo participantes sem escolarização, um familiar permaneceu no ambiente como ouvinte. As entrevistas foram conduzidas por um único pesquisador, terapeuta ocupacional com experiência profissional e técnica em pesquisa qualitativa e em assistência à população idosa. O entrevistador também é um sobrevivente do desastre, com atuação profissional junto às pessoas idosas de Brumadinho.

Não ocorreram interrupções ou constrangimento durante as entrevistas, as quais foram marcadas por emoção, lágrimas, silêncio, raiva e indignação. A duração média foi de 30 minutos, variando entre 15 e 90 minutos. Após assinatura do TCLE, aplicou-

se um questionário sociodemográfico contendo informações sobre idade, naturalidade, tempo e local de residência, sexo, raça/cor, estado conjugal, religião/prática espiritual, escolaridade, composição familiar, profissão ou ocupação principal e presença no município no momento do rompimento da barragem em 25 de janeiro de 2019.

A história oral temática foi obtida por meio de entrevista semiestruturada, seguindo um roteiro com perguntas norteadoras criado especificamente para esta pesquisa. Esse abordava questões como a história de vida do participante; as ocupações e atividades importantes, bem como a rotina da pessoa idosa antes do rompimento da barragem; as ocupações e atividades importantes e a rotina atual; as lembranças do dia do rompimento da barragem; as mudanças percebidas nas ocupações e no cotidiano após o rompimento da barragem; e, caso o participante desejasse, poderia registrar uma fala ou mensagem final. As impressões e observações do pesquisador foram registradas em diário de campo.

As entrevistas foram gravadas, transcritas, categorizadas e organizadas em categorias e subcategorias temáticas[17-19]. Utilizou-se análise de conteúdo, contemplando as etapas de pré-análise, exploração do material, codificação e tratamento dos resultados e interpretação[18]. A análise ocorreu de forma indutiva, utilizando-se o critério semântico para classificação e agrupando os dados conforme sentidos. Para preservar o anonimato, os participantes foram identificados por nomes de pedras preciosas.

Após a categorização, realizou-se a triangulação de pesquisadores, com o objetivo de ampliar a consistência analítica e reduzir vieses interpretativos[20-22]. Dois pesquisadores analisaram e categorizaram os dados de forma independente, e um terceiro comparou os resultados, verificou divergências e refinou a organização final das categorias[22].

USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Não foram utilizadas ferramentas ou recursos de Inteligência Artificial (IA), incluindo IA generativa, em nenhuma etapa da pesquisa, análise dos dados, elaboração, redação, revisão ou edição deste manuscrito.

DISPONIBILIDADE DE DADOS

Os dados que sustentam os resultados deste estudo estão disponíveis mediante solicitação ao autor correspondente e não estão disponíveis publicamente devido a restrições de privacidade ou éticas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra foi composta por 17 pessoas idosas residentes em todos os distritos investigados. Foi observada uma média de 72 anos de idade, com predominância de mulheres, casadas, com ensino fundamental incompleto, católicas e residência no distrito Sede. A maioria encontrava-se em casa no momento do desastre. O perfil laboral foi diversificado, incluindo lavradores, funcionários públicos, professoras e donas de casa. As características sociodemográficas detalhadas estão apresentadas na Tabela 1.

A análise de conteúdo identificou duas categorias, constituídas por quatro subcategorias cada (Tabela 2). A primeira categoria "(Re)vivendo o desastre" reuniu experiências relacionadas às lembranças do rompimento e aos sentimentos, às memórias das pessoas falecidas, à espiritualidade e à revolta contra a empresa responsável. A segunda, "Mudanças no cotidiano e no bem-estar", contemplou os efeitos do desastre sobre a saúde física e mental, as ocupações, o convívio social e a ressignificação da vida cotidiana.

Tabela 1. Perfil sociodemográfico das pessoas idosas participantes do estudo (n=17). Brumadinho, Minas Gerais, Brasil, 2023.

Variáveis	N(%)
Idade m(DP)	72 (7,12)
Distritos	
Aranha	1 (5,88%)
Conceição de Itágua	2 (11,76%)
Piedade do Paraopeba	3 (17,65%)
São José do Paraopeba	4 (23,53%)
Sede	7 (41,18%)
Sexo	
Feminino	12 (70,59%)
Masculino	5 (29,41%)
Cor da Pele	
Branca	7 (41,18%)
Parda	8 (47,06%)
Preta	2 (11,76%)
Situação Conjugal	
Casado(a)	7 (41,18%)
Divorciado(a)	2 (11,76%)
Solteiro(a)	2 (11,76%)
Viúvo(a)	6 (35,30%)
Religião	
Católica	16 (94,12%)
Evangélica	1 (5,88)
Praticante na religião	
Sim	16 (94,12%)
Não	1 (5,88)
Escolaridade	
Sem escolarização	3 (17,65%)
Ensino Fundamental Incompleto	8 (47,06%)
Ensino Médio Completo	2 (11,76%)
Ensino Técnico Profissionalizante	2 (11,76%)
Ensino Superior Incompleto	1 (5,88%)
Pós-Graduação	1 (5,88%)
Descendência	
Filhos	2,65 (DP=2,64)
Netos	3,29 (DP=0,71)
Bisnetos	4,04 (DP=1,36)
Local em que estava no dia do rompimento da barragem	
Em casa	13 (76,48%)
Em Brumadinho/MG, mas fora de casa	2 (11,76%)
Estava fora da cidade de Brumadinho/MG	2 (11,76%)

continua

Continuação da Tabela 1

Variáveis	N(%)
Profissão	
Torneiro Mecânico	1 (5,88%)
Do Lar	4 (23,53%)
Funcionário(a) público	3 (17,65%)
Gari	1 (5,88%)
Cantineira	1 (5,88%)
Empregada doméstica	1 (5,88%)
Motorista	1 (5,88%)
Lavrador(a)	3 (17,65%)
Professora	2 (11,76%)

Tabela 2. Categorias e subcategorias relacionadas à trajetória ocupacional e vivência das pessoas idosas após o desastre e suas consequências, Brumadinho, Minas Gerais, Brasil, n=17, 2023.

Categorias	N (%)
A. (Re)vivendo o desastre	
Lembranças e sentimentos	17 (100%)
Memórias dos que se foram	11 (64,71%)
Espiritualidade	11 (64,71%)
Revolta contra a empresa	04 (23,53%)
B. Mudanças no cotidiano e no bem-estar	
Efeitos na saúde física e mental	15 (88,26%)
Rupturas em ocupações após o rompimento	14 (82,35%)
Restrições no convívio social e nas relações pessoais	07 (41,18%)
Ressignificando as ocupações após o rompimento	07 (41,18%)

Os resultados indicaram que os efeitos do rompimento da Barragem de Brumadinho ultrapassaram alterações pontuais nas atividades cotidianas, repercutindo nas trajetórias ocupacionais das pessoas idosas, compreendidas como o percurso de envolvimento em ocupações ao longo da vida, articulado a experiências, papéis sociais, rotinas, vínculos, valores, identidade e projetos pessoais[12]. Na categoria "(Re)vivendo o desastre", o rompimento emergiu como um marco biográfico e ocupacional, reconfigurando modos de viver, participar, pertencer e atribuir sentido à própria história. As narrativas evidenciaram impactos sobre ocupações significativas, relações sociais, circulação pelo território e participação comunitária, além de sentimentos de tristeza, medo, angústia e indignação, memórias das pessoas falecidas e revolta em relação à empresa mineradora. Ao mesmo tempo, a espiritualidade e outras formas de reconstrução do cotidiano foram mencionadas como recursos de enfrentamento, enquanto a memória do desastre assumiu também um sentido de resistência ao esquecimento e de preservação do pertencimento social.

Primeiramente, a categoria *"(Re)vivendo o desastre*" referiu-se não apenas à rememoração de um evento traumático, mas constitui uma forma de situar a experiência na trajetória pessoal e coletiva, preservando vínculos com pessoas, lugares e ocupações interrompidas. Para as pessoas idosas, cujas histórias de vida são profundamente vinculadas ao território, à família, ao trabalho e às relações

comunitárias, o rompimento da barragem afetou dimensões materiais, simbólicas e afetivas que sustentavam a continuidade da vida cotidiana.

As pessoas idosas relataram lembranças marcantes do dia do rompimento, expressando pesar pelas perdas humanas e consequências sobre a saúde física e emocional. Um dos participantes descreveu o cenário vivenciado:

> "É, aquele dia, [...] a rua, que já estava cheia de gente. As pessoas foram se proteger na passarela. Estava todo mundo naquela agonia. O pessoal foi lembrando das pessoas que trabalhavam lá; [...] foi aquela agonia." (Turmalina, 67 anos - Sede).

Na subcategoria "*Lembranças e sentimentos*", durante os relatos, foram frequentes manifestações de tristeza, angústia, revolta e saudade por familiares, amigos, vizinhos e conhecidos. Experiências de sofrimento, exposição a fatores estressores e alterações nos papéis de vida e na saúde mental são relevantes em situações de desastre e devem ser compreendidos como impactos ocupacionais[23]. As perdas de vidas, materiais e simbólicas podem provocar interrupções nos papéis, hábitos, atividades e rotinas que estruturam a vida cotidiana[11,24].

Já na subcategoria "*Memórias dos que se foram*", as perdas humanas ocuparam posição central nas narrativas. Os participantes expressam temor, tristeza e saudades ao recordar amigos, familiares e conhecidos que morreram no desastre:

> "Pelo menos tinha um amigo que vinha aqui, sentava comigo, vinha, e eu gostava muito dele. A gente perguntava para ele se ele estava trabalhando lá na barragem e como estava a situação; ele falava que estava tranquila. Mas, ele faleceu lá. Perdi muitos outros amigos também. Senti a morte do meu amigo pra caramba." (Quartzo, 75 anos, São José do Paraopeba).

As memórias das pessoas falecidas revelam que as perdas humanas também representam perdas ocupacionais. A ausência de familiares, amigos, vizinhos e conhecidos modificou atividades compartilhadas, celebrações, encontros, redes de apoio e formas de convivência anteriormente presentes na rotina. Assim, o luto não se expressou apenas pela ausência de pessoas significativas, mas também pela interrupção de ocupações realizadas em conjunto e pela transformação dos espaços sociais comunitários.

A fé, as crenças religiosas e as práticas da "*Espiritualidade*" constituíram importantes formas de enfrentamento das perdas e dificuldades vivenciadas. Os participantes relataram que a espiritualidade favoreceu o equilíbrio emocional, esperança e fortalecimento diante do sofrimento.

> "Eu acho que a pessoa que tem uma espiritualidade bem tranquila, a gente supera qualquer obstáculo. O que ajuda a gente a superar, a ter força, é as orações, é a fé que a gente tem. [...] Quando a gente tem fé, a gente consegue segurar as coisas da vida e ajuda o nosso irmão também a ser mais forte." (Jade, 68 anos, Sede).

A espiritualidade foi descrita não apenas como estratégia de enfrentamento, mas também como ocupação significativa capaz de favorecer reorganização emocional e apoio a outras pessoas. A espiritualidade relaciona-se ao significado atribuído à vida e às crenças e valores que sustentam o estilo de vida[25]. Estudos indicam que o envolvimento religioso pode se constituir como recurso relevante para pessoas em sofrimento psíquico[26].

No contexto investigado, a espiritualidade mostrou-se associada à esperança e ao fortalecimento pessoal e comunitário. A espiritualidade possibilitou a preservação de vínculos com valores e crenças que historicamente integravam a identidade dos participantes[26]. Assim, além de representar um recurso individual de enfrentamento, a espiritualidade configurou-se como uma ocupação significativa capaz de sustentar a continuidade das trajetórias ocupacionais e contribuir para os processos de reconstrução da vida cotidiana[27].

A indignação em relação à empresa responsável pela barragem também esteve fortemente presente nas entrevistas, como observado na subcategoria "*Revolta contra a empresa*". Os participantes relacionaram tal revolta aos impactos persistentes do desastre, às informações recebidas antes do

rompimento e à percepção de que os riscos poderiam ser conhecidos previamente:

> "A empresa antes do rompimento da barragem, esteve lá e deixou uma pasta [...] falava assim: qualquer coisa que acontecer, você deixa o seu documento do terreno, seu documento pessoal em cima da geladeira. Então isso trouxe uma impressão que ela sabia que isso ia acontecer. [...] Porque ela já estava preparando, caso viesse acontecer algo." (Topázio, 73 anos, Sede).

O Relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito indicou que o rompimento esteve relacionado a problemas de drenagem decorrentes do excesso de volume na barragem[28]. Essas informações, associadas aos relatórios produzidos anteriormente pela própria empresa, reforçaram a percepção de negligência e a indignação dos participantes. Os relatos também evidenciaram a percepção de violação de direitos e da dignidade humana, especialmente em relação aos processos de reparação e indenização. Os participantes consideraram que os danos psicológicos, sociais e relacionados à perda de modos de vida receberam menor reconhecimento do que danos físicos ou materiais.

Esse contexto reforça processos de injustiças ocupacionais, caracterizados pela restrição de direitos e desigualdades nas oportunidades de participação[28]. Na perspectiva da justiça ocupacional, a restrição nas oportunidades de participação, a perda de espaços de convivência, a interrupção de ocupações significativas e o comprometimento da autonomia configuram situações de injustiça que atingem especialmente populações vulnerabilizadas[24,28,29]. Entre pessoas idosas, esses efeitos podem ser intensificados por atingirem trajetórias consolidadas ao longo de décadas e profundamente relacionadas ao território, ao trabalho, à família e à comunidade.

Na categoria "Mudanças no cotidiano e no bem-estar", rupturas e reorganizações das trajetórias ocupacionais foram evidenciadas após o desastre. Alterações na saúde física e emocional, redução do convívio social, mudanças no lazer, diminuição da disposição para o trabalho e necessidade de ressignificar atividades cotidianas modificaram o envolvimento das pessoas idosas em ocupações. Essas mudanças demonstraram que o desastre comprometeu a continuidade do cotidiano, compreendido como espaço no qual se manifestam hábitos, rotinas, papéis, relações e pertencimentos. A análise das trajetórias ocupacionais possibilitou compreender que os impactos do rompimento permaneceram ao longo do tempo, repercutindo nas práticas diárias, nas restrições percebidas e nas tentativas de reconstrução da vida.

Os participantes expressaram preocupações relacionadas às consequências ambientais do desastre e aos possíveis efeitos sobre a saúde física e emocional:

> "Muitos irmãos e amigos nossos tiveram problema de doença de pele, e quadro de depressão [...], igual os metais pesados no sangue. [...] De repente, eu posso estar cheia de metal pesado e não estou sabendo. Então, isso a gente não sabe a consequência que vai acontecer daqui a dois, cinco anos." (Jade, 68 anos, Sede).

Também foram relatadas alterações na saúde emocional, incluindo medo, estresse, ansiedade e reações desencadeadas por estímulos associados ao desastre, como observado na categoria "*Efeitos na saúde física e mental*":

> "A gente vê um barulho de um helicóptero, ou de avião, ou sirene, dá até arrepio. A gente sente aquele trauma totalmente e volta na nossa mente. [...] Minha vida mudou nesse sentido, principalmente na parte psicológica. Eu senti muito, até hoje, vem afetando a minha vida." (Rubelita, 67 anos, Sede).

Desastres, podem desencadear ou intensificar alterações na saúde física e mental[11,30,31]. Catástrofes estão associadas a transtornos mentais, aumento do consumo de substâncias e maior incidência de doenças cardiovasculares e respiratórias[32]. Esses efeitos podem persistir por anos e devem ser monitorados continuamente. Entre os sintomas autorrelatados, destacam-se angústia, depressão, distúrbios do sono, medo, pensamentos intrusivos e alterações cognitivas. Estudos longitudinais realizados em Brumadinho após o desastre identificaram hipertensão arterial, colesterol elevado e depressão entre as condições autorreferidas mais frequentes, com prevalências superiores às médias estaduais[15,16,31].

As preocupações relacionadas à presença de metais na lama de rejeitos e no Rio Paraopeba também foram destacadas, especialmente devido às incertezas quanto aos efeitos futuros da exposição ambiental[2,31]. Essas preocupações influenciaram a percepção de segurança e contribuíram para a permanência do medo e da insegurança no cotidiano. Os participantes descreveram mudanças profundas nas atividades relacionadas ao trabalho, cuidado doméstico, lazer e envolvimento em ocupações significativas.

Na subcategoria "*Rupturas em ocupações após o rompimento*", as narrativas indicaram perdas ocupacionais relacionadas às limitações emocionais, às alterações ambientais e às transformações na dinâmica social da comunidade:

> "Antes dessa barragem, eu tinha disposição para trabalhar. Eu tinha uma saúde imensa. Eu chegava aqui em Brumadinho, seis horas da manhã, e chegava em casa cinco horas da tarde, e chegava lá em casa, eu ainda lavava roupa, e eu ainda fazia janta, tomava meu banho e dormia tranquila. [...] Agora, depois da tragédia para cá, é que atrapalhou tudo." (Safira, 67 anos, Sede).

Ainda nessa subcategoria, observou-se que independentemente do distrito de residência, o desastre comprometeu atividades cotidianas e dificultou a autonomia dos participantes. Ocupações anteriormente realizadas com naturalidade passaram a ser marcadas por limitações físicas, sofrimento emocional, insegurança e alterações no ambiente social. Sendo assim, atividades como trabalho, cuidado doméstico, lazer, circulação pelo município e convívio familiar foram identificados como ocupações centrais afetadas pelo desastre.

A narrativa de Safira evidencia uma ruptura na continuidade ocupacional, entendida como a possibilidade de manter padrões de vida, papéis e atividades que sustentavam autonomia, senso de competência e bem-estar. A percepção de que "tudo foi afetado" após o desastre esteve presente em diferentes histórias, demonstrando que o rompimento comprometeu a continuidade das experiências cotidianas e a sensação de estabilidade.

O enfraquecimento das relações interpessoais foi amplamente mencionado. Os participantes relataram mudanças nas atividades de lazer, no convívio familiar, na participação comunitária e nas relações pessoais.

> "A gente tinha um contato muito direto em família [...]. E meu sobrinho, que infelizmente faleceu, era o nosso churrasqueiro. [...] A rotina mudou muito. [...] Esse convívio nosso, hoje é um convívio mais rotineiro, não é aquele convívio de amor, de festa, de união. [...] Você olha que está faltando gente." (Opala, 71 anos, Conceição de Itágua).

As "*restrições no convívio social e nas relações pessoais*" produziram interrupções em ocupações significativas e alteraram as relações pessoais e comunitárias. Situações de desastre podem reduzir a realização de ocupações valorizadas, gerar desequilíbrio ocupacional e comprometer a sensação de controle da própria vida[30]. Rupturas ocupacionais impostas por fatores externos são frequentemente acompanhadas de sentimentos de injustiça e frustração[33]. A redução das atividades de lazer também pode comprometer a saúde mental, considerando sua importância para o manejo da ansiedade e do sofrimento[34]. Portanto, encontros familiares, churrascos, festas, visitas, convivência com vizinhos e participação em espaços comunitários foram transformados pela ausência de pessoas falecidas, pelo sofrimento coletivo e pelas mudanças simbólicas ocorridas no território.

Para as pessoas idosas, essas ocupações têm papel fundamental na manutenção da saúde, da identidade e do sentido de continuidade da vida[33]. Sua redução pode produzir isolamento, tristeza e sensação de que a vida cotidiana perdeu parte de sua espontaneidade e significado. Assim, a restrição do convívio social deve ser compreendida como uma dimensão central das rupturas ocupacionais produzidas pelo desastre.

Apesar das perdas, os relatos também demonstraram esforços de reconstrução do cotidiano, que podem ser observados na categoria "*Ressignificando as ocupações*". A participação em organizações comunitárias, o cuidado com plantas, a realização de atividades domésticas, o trabalho informal, a escuta do rádio, a espiritualidade e o apoio a outras

pessoas aparecem como formas de reorganizar a vida e recuperar o sentido de continuidade.

> "A minha rotina é [...] em casa fazendo as coisas de casa. [...] estou participando de três ONGs [...]. Eu tenho boteco lá em casa. [...] Eu gosto muito do rádio, [...]. Eu gosto de planta, as minhas plantas, é minha paixão. [...]. Elas são o preenchimento total da minha vida. Olha, minha vida é mexida, porque nunca mais foi a mesma." (Turmalina, 67 anos, Sede).

Ao ter suas ocupações interrompidas, o indivíduo busca reorganizar escolhas e oportunidades, preservar ou redefinir papéis e buscar novas formas de recuperar significado, propósito e pertencimento[30]. A ressignificação não corresponde ao retorno integral à vida anterior ao desastre, mas expressa a capacidade de construir novas possibilidades de participação em meio às mudanças impostas. A ressignificação das ocupações reforça a compreensão da ocupação como mecanismo de adaptação capaz de promover saúde e bem-estar, mesmo em contextos adversos[24]. O envolvimento em novas ocupações ou a retomada de ocupações significativas pode promover benefícios individuais e comunitários[11,13]. Nesse sentido, as trajetórias ocupacionais não são estáticas ou lineares, mas se transformam diante de perdas, restrições e novas condições de vida.

O engajamento em ocupações significativas, mesmo em um cotidiano "mexido", constitui estratégia de enfrentamento e reconstrução da vida após o desastre. Os resultados destacam, portanto, a importância de promover oportunidades que favoreçam a reconstrução das trajetórias ocupacionais de pessoas idosas em contextos de desastre. Dessa forma, a manutenção de rotina e o envolvimento em ocupações significativas podem contribuir para a retomada de projetos de vida, o fortalecimento dos vínculos sociais e a recuperação do sentido de continuidade.

Entre as limitações do estudo, destaca-se que as entrevistas foram realizadas aproximadamente quatro anos após o rompimento, o que pode ter influenciado as narrativas quanto aos processos de rememoração, esquecimento ou ressignificação das experiências ao longo do tempo. A seleção por conveniência, a técnica de bola de neve e o uso de informantes-chave podem ter favorecido a inclusão de participantes mais vinculados às redes comunitárias e aos contatos iniciais. Além disto, a escassez de pesquisas sobre trajetórias ocupacionais de pessoas idosas em contextos de desastre limitou a comparação dos resultados com investigações semelhantes, embora também reforce o caráter original e relevante deste estudo.

A proximidade do pesquisador com o contexto constitui outro aspecto metodológico relevante. O pesquisador atua há quinze anos em Brumadinho, junto à população idosa, e possui vínculos com o contexto do desastre. Em pesquisas qualitativas, a trajetória, a posição e a presença do pesquisador no campo não são elementos neutros, pois experiências prévias, subjetividade e relações estabelecidas podem influenciar a produção, interpretação e análise dos dados[35].

Esse reconhecimento relaciona-se à reflexividade, compreendida como prática contínua e crítica por meio da qual o pesquisador examina como sua posição, seus pressupostos e sua relação com o campo atravessam o processo investigativo[35]. A proximidade do pesquisador com o território pode ter favorecido vínculo, confiança e abertura dos participantes, contribuindo para narrativas mais densas, sensíveis e contextualizadas. Para minimizar possíveis vieses e fortalecer a credibilidade dos achados, foram adotados procedimentos sistemáticos de análise de conteúdo, discussão entre pesquisadores e triangulação de pesquisadores[21].

CONCLUSÃO

Os resultados demonstram que o desastre de Brumadinho ultrapassa os impactos ambientais, sociais e físicos, afetando também as trajetórias ocupacionais das pessoas idosas ao produzir rupturas em rotinas, papéis, vínculos, espaços de participação e ocupações significativas. Ao mesmo tempo, as narrativas evidenciam processos de resiliência, adaptação e ressignificação, nos quais os participantes buscaram reconstruir sentidos

para o cotidiano. Compreender esses achados a partir das trajetórias ocupacionais permite ampliar a análise dos impactos do desastre, deslocando o foco exclusivo dos danos materiais, ambientais e físicos para incluir as rupturas ocupacionais vivenciadas pelas pessoas idosas.

Essa perspectiva reforça a importância do terapeuta ocupacional como profissional membro das equipes de gestão de desastres, especialmente na identificação de rupturas ocupacionais, na promoção da participação e na construção de estratégias que favoreçam a continuidade e a reconstrução da vida cotidiana no pós-desastre. Nesse sentido, sugerem-se estudos futuros para desenvolver e avaliar intervenções de Terapia Ocupacional destinadas a pessoas idosas afetadas por desastres, com foco na retomada de ocupações significativas. Recomenda-se ainda a realização de estudos longitudinais para acompanhar as mudanças nas trajetórias ocupacionais de pessoas idosas atingidas pelo desastre de Brumadinho.

AUTORIA

- Marcelo B. Souza – Concepção do estudo; curadoria de dados; análise e interpretação dos dados; escrita - primeira redação; e aprovação da versão final do manuscrito
- Jurema R. L. Gonçalves – Curadoria de dados; análise e interpretação dos dados; escrita - revisão e edição; supervisão e aprovação da versão a ser publicada.
- Daniela M. Santos – Análise e interpretação dos dados; escrita - revisão e edição; e aprovação da versão a ser publicada.
- Fabiana C. M. S. Dutra – Concepção do estudo; supervisão; metodologia; análise e interpretação dos dados, escrita - revisão e edição; e aprovação da versão final do manuscrito.

Editado por: Larissa Neves Quadros

REFERÊNCIAS

1. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de Vigilância em Saúde Ambiental dos Riscos Decorrentes dos Desastres Naturais – VIGIDESASTRES. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2007. Disponível em: http://vigilancia.saude.mg.gov.br/index.php/programa-de-vigilancia-em-saude-ambiental-relacionada-aos-riscos-decorrentes-dos-desastres-vigidesastres/
2. Freitas CM, Silva MA, Menezes FC, Luz ZMP. Desastres em barragens de mineração como riscos sistêmicos. Rev Bras Epidemiol. 2022;25(Suppl 2): e220004.supl.2. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1980-549720220004.supl.2.1
3. Noal DS, Braga VMR, Leal MB, Vargas AR, Eliazar P. Desastre da Vale: o desafio do cuidado em saúde mental e atenção psicossocial no SUS. Saúde Debate. 2020;44(Spe 2):353-63. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0103-11042020E224
4. United Nations Office for Disaster Risk Reduction. Annual report 2020. Geneva: UNDRR; 2021. Disponível em: https://www.undrr.org/publication/undrr-annual-report-2020
5. Rocha V, Londe LR. Desastres: velhos e novos desafios para a saúde coletiva. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2021.
6. Garcia FD, Neves MCL, Firmo JOA, Peixoto SV, Castro-Costa E. Prevalência de sintomas psiquiátricos e fatores associados na população adulta da área atingida pelo rompimento da barragem de rejeitos: Projeto Saúde Brumadinho. Rev Bras Epidemiol. 2022;25(Suppl 2):e220011. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1980-549720220011.supl.2.1
7. Sone T, Sugawara Y, Tanji F, Nakaya N, Tomita H, Tsuji I. The association between psychological distress and risk of incident functional disability in elderly survivors after the Great East Japan Earthquake: the mediating effect of lifestyle and bodily pain. J Affect Disord. 2021;295:552-8. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.jad.2021.08.068
8. World Health Organization. Older persons in emergencies: an active ageing perspective. Geneva: World Health Organization; 2008. Disponível em: https://iris.who.int/server/api/core/bitstreams/571f7490-66a6-4a1f-ad7b-63eab07b9724/content
9. Semprebom PTF, Batista MPP, Almeida MHM. Functional capacity and self-care practices of older primary care users in a region of high social vulnerability. Cad Bras Ter Ocup. 2024;32:e3619. Disponível em: https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO277936192

10. Phraknoi N, Sutanto J, Hu Y, Goh YS, Lee CEC. Older people's needs in urban disaster response: a systematic literature review. Int J Disaster Risk Reduct. 2023;96:103809. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.ijdrr.2023.103809

11. World Federation of Occupational Therapists. Disaster preparedness and risk reduction manual. Geneva: WFOT; 2022 [Citado em: 22 fev. 2025]. Disponível em: https://wfot.org/resources/wfot-disaster-preparedness-and-risk-reduction-manual

12. Mårtensson L, Liedberg GM. Occupational life trajectories in the context of chronic pain and immigration. Scand J Occup Ther. 2016;23(5):383-90. Disponível em: https://doi.org/10.3109/11038128.2015.1130167

13. Dutra FCMS, Roberto WM, Coelho BL, Almeida R. Envolvimento em ocupações sustentáveis: mudanças nos hábitos de vida a partir de espaços de práticas educativas. Cad Bras Ter Ocup. 2018;26(2):345-55. Disponível em: https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1143

14. Durães UR, Santos JE. Desafios e experiências de terapeutas ocupacionais em desastres: estratégias de cuidados nos territórios de Mariana - Minas Gerais e em Santa Maria - Rio Grande do Sul. London: Novas Edições Acadêmicas; 2019.

15. Nascimento-Souza MA, Firmo JOA, Souza Júnior PRB, Peixoto SV. Fatores sociodemográficos e de área de residência associados à multimorbidade: resultados do Projeto Saúde Brumadinho. Rev Bras Epidemiol. 2022;25(Suppl 2):e220006. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1980-549720220006.supl.2.1

16. Vidal EP, Silva RCC, Zucchi P. Effects of mining disasters on hospital morbidity in the populations of Mariana and Brumadinho, Minas Gerais, Brazil. Arch Public Health. 2025;83:319. Disponível em: https://doi.org/10.1186/s13690-025-01776-0

17. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14ed. São Paulo: Hucitec; 2014.

18. Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Forma Certa; 2022.

19. VERBI Software. MAXQDA 2022: guia de introdução. Berlin: Consult Sozialforschung GmbH; 2021. Disponível em: https://www.maxqda.com/download/GettingStarted-MAXQDA2022-pt.pdf

20. Denzin NK. The research act: a theoretical introduction to sociological methods. 2nd ed. New York: McGraw-Hill; 1978.

21. Carter N, Bryant-Lukosius D, DiCenso A, Blythe J, Neville AJ. The use of triangulation in qualitative research. Oncol Nurs Forum. 2014;41(5):545-7. Disponível em: http://doi.org/10.1188/14.ONF.545-547

22. Archibald MM. Investigator triangulation: a collaborative strategy with potential for mixed methods research. J Mix Methods Res. 2016;10(3):228-50. Disponível em: http://doi.org/10.1177/1558689815570092

23. Howard BS, Beckmann B, Flynn D, Haller J, Pohl M, Smith K, et al. Moral distress in the time of COVID-19: OT practitioners' experiences. Occup Ther Health Care. 2023;77(2):1-9. Disponível em: http://doi.org/10.1080/07380577.2023.2181625

24. Townsend E, Wilcock AA. Occupational justice and client-centred practice: a dialogue in progress. Can J Occup Ther. 2004;71(2):75-87. Disponível em: http://doi.org/10.1177/000841740407100203

25. Reginato V. Diferenças e semelhanças entre espiritualidade e religião. In: Toledo FMP, Braghetta CC, Andrade PAS, Branco TP. Tratado de espiritualidade e saúde: teoria e prática do cuidado em espiritualidade na área da saúde. Rio de Janeiro: Atheneu; 2021. p. 45-60.

26. Koenig HG, Al-Zaben F, VanderWeele TJ. Religion and psychiatry: recent developments in research. B J Psych Adv. 2020;26(5):262-72. Disponível em: http://doi.org/10.1192/bja.2019.81

27. Lalani N, Drolet JL, McDonald-Harker C, Brown MRG, Brett-MacLean P, Agyapong VIO, et al. Nurturing Spiritual Resilience to Promote Post-disaster Community Recovery: The 2016 Alberta Wildfire in Canada. Front Public Health. 2021 Jul 23;9:682558. Disponível em: http://doi.org/10.3389/fpubh.2021.682558

28. Brasil. Câmara dos Deputados. Comissão Parlamentar de Inquérito. Rompimento da barragem de Brumadinho: relatório final da CPI [Internet]. Brasília (DF): Câmara dos Deputados; 2019. [Citado em: 18 dez. 2025]. Disponível em: https://www.camara.leg.br/internet/comissoes/cpi/cpibruma/RelatorioFinal.pdf

29. Hammell KW. Ações nos determinantes sociais de saúde: avançando na equidade ocupacional e nos direitos humanos. Cad Bras Ter Ocup. 2020;28(1):378-400. Disponível em: https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoARF2052

30. Rushford N, Thomas K, editores. Disaster and development: an occupational perspective. Edinburgh: Elsevier; 2015.

31. Peixoto SV, Firmo JOA, Fróes-Asmus CIR, Mambrini JV de M, Freitas CM de, Lima-Costa MF, et al. Projeto Saúde Brumadinho: aspectos metodológicos e perfil epidemiológico dos participantes da linha de base da coorte. Rev Bras Epidemiol. 2022;25:e220014. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1980-549720220002.supl.2.1

32. Centre for Research on the Epidemiology of Disasters; United Nations Office for Disaster Risk Reduction. The human cost of disasters: an overview of the last 20 years (2000–2019). Geneva: UNDRR; 2020. Disponível em: https://www.preventionweb.net/files/74124_humancostofdisasters20002019reportu.pdf?startDownload=true

33. Lewis E, Lemieux V. Social participation of seniors: applying the framework of occupational justice for healthy ageing and a new approach to policymaking. J Occup Sci. 2021;28(3):332-48. Disponível em: https://doi.org/10.1080/14427591.2020.1843069

34. Kiepek N, Magalhaes L. Addictions and impulse-control disorders as occupation: a selected literature review and synthesis. J Occup Sci. 2011;18(3):254-76. Disponível em: https://doi.org/10.1080/14427591.2011.581628

35. Olmos-Vega FM, Stalmeijer RE, Varpio L, Kahlke R. A practical guide to reflexivity in qualitative research: AMEE Guide nº. 149. Med Teach. 2023;45(3):241-51. Disponível em: https://doi.org/10.1080/0142159X.2022.2057287

CC BY